

# Jovens na Praça: Diversidade sexual e ressignificações das identidades de gênero

Resultado de investigação finalizada

GT22: Sociologia da Infância e da Juventude

Alexandre Martins Joca  
Celecina de Maria Veras Sales

## Resumo:

Este artigo investiga os modos como as identidades de gênero são (re)significadas e tomam sentidos singulares nas sociabilidades juvenis em praças da cidade de Fortaleza, Ceará- Brasil. Para isso, analisa os mecanismos de apreensão de saberes sobre gênero e sexualidade empreendidos por jovens frequentadores de praças da cidade. A etnografia contou com oito meses de observação participante, oito entrevistas individuais e três grupos de discussão envolvendo diretamente um total de 26 jovens. Em meio a uma suposta superação dos marcadores de gênero e orientação sexual, o imperativo binário – masculino/feminino se mantém sobre novas facetas, novos determinantes simbólicos, que rompem com o biológico e legitimam marcadores culturais afirmadores de múltiplos desejos e possibilidades para além da heteronormatividade.

**Palavras-chaves:** Jovens, Gênero, Diversidade Sexual

## Introdução

Este artigo investiga os modos como as identidades de gênero são (re)significadas e tomam sentidos singulares nas sociabilidades juvenis em praças da cidade de Fortaleza, Ceará- Brasil. Para isso, analisa os mecanismos de apreensão de saberes sobre gênero e sexualidade empreendidos por jovens frequentadores da Praça Portugal e da Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), considerados espaços de interações juvenis na Cidade.

Os sujeitos da pesquisa são Jovens Roqueiros/as, Punks, Skatistas, Emos, Dançarino(a)s de Free Step, Bboys, Otakus, “*Coloridos*”, “*Pirangueiros*”, “*Comuns*” ou “*Normais*”<sup>1</sup> que protagonizam as interações juvenis apresentadas, independente de gênero, da orientação sexual ou do estilo. Somente assim seria possível compreender os modos como a “*mistura*” de estilos e orientações sexuais se faz em meio a uma diversidade de identidades e identificações juvenis, de modo que se optou por não centralizar a pesquisa em um estilo específico, tampouco por orientação sexual. A etnografia contou com oito meses de observação participante, oito entrevistas individuais e três grupos de discussão envolvendo diretamente um total de 26 jovens.

Os conflitos e os paradoxos vividos na contemporaneidade em torno dos modos de vida juvenis e a vivência de orientações sexuais diversas para além da norma heteronormativa nos remetem a confrontos emergentes no contexto sociocultural do espaço/tempo desta pesquisa, que envolvem dimensões históricas e singulares da sociedade brasileira, importantes para o avanço das discussões sobre a sexualidade juvenil.

O estudo das interações juvenis no cotidiano da Cidade e sua interface com os marcadores/dispositivos da sexualidade podem nos oferecer subsídios importantes para a compreensão

---

<sup>1</sup> Trago entre aspas e em itálico as categorias êmicas surgidas no trabalho de campo.

das implicações da sexualidade na sociabilidade juvenil, até porque “na metrópole fervilham os imprevistos e os previstos, isto é, o que perturba a ordem e o que a afirma, não raras vezes com preconceito ou estereótipo” (PAIS, 2010, p. 22). O autor lembra ainda que “as cidades são criativas, festeiras, lúdicas, pulsam arte, fomentam cultura, irradiam sociabilidades, são palco da ação política e afirmação da cidadania” e “mesmo na cotidianidade amorfa [...] a rotina cruza-se frequentemente com a ruptura” (p. 22).

## 2. Contextualizações sobre Juventudes de Sexualidades

O contexto sociopolítico e cultural brasileiro, de meados do século XX à primeira década do século XXI, está permeado por dualismos que sinalizam para um espaço-tempo de profundas transformações socioculturais: ditadura/democracia, repressão/liberdades, tradicional/moderno, igualdades/diferença. No âmbito da sexualidade, esses paradoxos são mobilizados por tensões sociais nas quais o gênero, o sexo, a afetividade, o prazer, o desejo, a orientação sexual, a identidade estão na berlinda. Os binarismos “homem/mulher”, “masculino/feminino”, “heterossexual/homossexual”, “cultura/natureza” são postos em xeque, numa queda de braço entre o biológico e o cultural, entre o essencialismo binário do sexo e a dimensão cultural do desejo, do gênero, do prazer.

Reivindicam-se liberdades sexuais nas ruas e homossexuais ainda são assassinados em razão da orientação sexual. Transexuais fazem cirurgias transgenitais enquanto o “ser homem” ou “ser mulher” ainda demarca espaços/tempos no mercado de trabalho. O conceito de família, antes instituição afirmadora da heteronormatividade, é redefinido pelo reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo - como o casamento -, fazendo com que os novos arranjos familiares encontrem-se cada vez mais presentes em detrimento do modelo nuclear - pai, mãe e filhos.

Esse contexto, portanto, lança sobre o(a)s jovens o desafio de compreender e conviver simultaneamente com paradoxos que constantemente invadem o cotidiano das instituições formais e permeiam as relações sociais dentro e fora delas. Lança também, sobre o(a)s jovens, o desafio de encontrar-se, de construir-se, de fazer e refazer seus próprios caminhos, como seres sexuados, “homens” e “mulheres” que estão chegando à juventude, mesmo que nessa chegada traga consigo um arsenal de informações – e formações – advindo da experiência familiar, escolar e religiosa. Assim, “por não ocupar posições semelhantes em todos os espaços sociais, vivem experiências variadas, diferentes, às vezes contraditórias” (LAHIRE, 2002).

Apesar dos avanços advindos dos estudos de Sigmund Freud, no século XX, historicamente, a sexualidade na juventude, em especial na adolescência, teve como ênfase o biológico, vinculando-a aos momentos de descobertas, em virtude da associação da juventude a transformações corporais<sup>2</sup>. A ideia de sujeito em processo de passagem da infância para a vida adulta – em formação – condicionou a juventude como período das descobertas e das experimentações sexuais, permeada por incertezas, dúvidas e angústias.

Os estudos sobre juventude, inicialmente restringindo-a a uma fase da vida descobrem que “*ser jovem*”, além do referencial etário, está relacionado a uma multiplicidade de fatores socioculturais e a pluralidade ganha contorno cada vez mais significativo na sociologia da juventude como uma “categoria sociológica” (PAIS, 2003). O mesmo caminho foi tomado nos estudos sobre gênero e sexualidade quando o essencialismo dos binarismos “homem/mulher”, “heterossexual/homossexual”, “masculino/feminino” vê-se confrontado por estudos que questionam e ressignificam essas polaridades, dando ênfase a outras tantas formas de vivenciar fantasias, prazeres e desejos. A dimensão sociocultural em detrimento ao biológico toma a sexualidade como um “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1988) e o gênero, uma construção social (BUTLER, 2003). O que está em discussão

<sup>2</sup> Ver: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 2002).

nesses campos são as identidades do “ser” em confronto com uma perspectiva mais próxima do debate sobre identificações, que são múltiplas, fluidas, inconstantes e transitórias. A abordagem de Stuart Hall (1999) sobre o caráter fragmentado, ou “descentrado” das identidades modernas nos ajuda a compreender as facetas das misturas juvenis e suas múltiplas dinâmicas de sociabilidades.

As relações vividas em percursos e espaços de sociabilidades juvenis na Cidade, longe do alcance institucional da família, da escola e da igreja, podem lançar pistas de como os jovens negociam e mobilizam saberes e práticas sobre sexualidade, de modo que suas interações juvenis nos dão pistas de como a diversidade sexual e identidades de gênero podem ser apreendidas a partir da análise situacional de jovens em interações entre pares.

### 3. Sexualidades Juvenis nas Praças de Fortaleza

A sociabilidade juvenil aqui estudada é caracterizada pela diversidade de orientações sexuais e de estilos e grupos juvenis e vê-se mergulhada em uma ampla heterogeneização de identidades e/ou identificações. Estão - os sujeitos - expostos tanto a rotulações estereotipadas (demarcadoras de identidades) quanto a um campo de fluxos, de movimentos, no qual sexualidade e estilo não se afirmam com a estabilidade exigida pela política identitária, tão anunciada nas últimas décadas. Nesse espaço/tempo juvenil, dispositivos hegemônicos de gênero e sexualidades transitam pela fluidez das experimentações juvenis. A dinâmica de aproximação (espacial) e distanciamento (afetivo/sexual) entre um grupo de skatistas e de jovens *gays* revelam a resistência desses dispositivos hegemônicos.

#### 3.1 Masculinidades: entre estilos e sexualidades

NOTA 01: O que separa o “Boy bafom do skate” das “bichas pintosas”?

PP: Estou sentado do outro lado da praça. Desse lado parece ter uma concentração maior de gays. Encontro Alex com outros cinco amigos. Daqui vejo garotos skatistas fazerem performances com o skate. [...] Essa turma de seis garotos skatistas usa preto. Um deles se destaca por exhibir constantemente um físico escultural: Camisa aberta, mostrando o tórax e os delineamentos de um abdômen bem definido. Percebe-se que não é esculpido em academia. Branco, com cabelos encaracolados, longos e assanhado dando um aspecto de mal cuidado, o que, de certa maneira, lhe atribui um charme. A calça, em um tamanho maior - imagino que seja para proporcionar o movimento do corpo exigido pela prática do skate -, necessita de um cinto para que não caia. No local do cinto, um cordão verde evita mostrar o restante da cueca que aparece em parte, apesar de está bem abaixo da cintura. Enquanto revezam o palco em acrobacias que me chamam a atenção pelo barulho do skate em atrito com o piso liso e pelos arremessos longe do palco, os seis jovens não interagem com os demais. A plateia - os jovens sentados nos bancos próximos (a maioria gays) - a assistir as acrobacias, também não dá muita atenção. Conversam entre si e quase ignoram as performances dos skatistas. [...] Por outro lado, os garotos parecem não se preocupar em ter plateia. [...] O jovem que por vezes ameaça tirar a camisa para usufruir da brisa que lhe secaria o suor, parece, no mínimo, despojado. Os meninos com quem estou sentado, Alex e seus amigos (todos gays), conversam entre si sem dar muita importância às apresentações nem ao jovem, ao corpo que se mostra, em uma sensualidade aparentemente despreziosa. Até que, em meio a uma conversa sobre filmes de terror, um dos garotos olha para o skatista (que vinha em sua direção na busca do skate), fixa o olhar, suspira e diz: “-Esse boy do skate é bafom!!!”. Alguns meninos olham, mas não fazem nenhum outro

comentário e continuam a conversar sobre seriados e filmes de terror que assistem na TV. A conversa é movida a muita pinta (talvez por isso Alex os considerem “bichas pintosas”), gestos e performances, ao som do barulho dos skates que ameaçam voar a qualquer momento sobre alguém. (Penso que estão juntos, mas não se misturam. Será?) (Diário de Campo, 25 de setembro de 2011) (grifos meus).

A cena do “*boy bafom do skate*” esbanjando sensualidade - num ritual de exposição de uma masculinidade heterossexual incontestável - sob o desprezo das “*bichas pintosas*” que se limitam a admirá-lo e também anunciam sua homossexualidade (ambos, via corpo, por meio de marcadores atribuídos hegemonicamente à masculinidade e feminilidade), nos informa tão quão demarcada estão as fronteiras que ainda os separam. Tais fronteiras se fazem visíveis de maneira velada pela ausência, pela coletiva e indiscutível inviabilidade de se quer ousa comentar na possibilidade de um “*affair*”, ou até mesmo de um “*fica*”, da possibilidade de uma relação afetiva/sexual no modelo bicha/boy. Estavam eles separados por um código de conduta onde a heterossexualidade de alguns não se permitiria ver-se objeto de desejo de outros (homossexuais). Nesse contexto, o modelo de relações afetivo/sexuais entre garotos restringe-se ao gay/gay e às categorias nativas ali descendentes.

Sobre os modelos de relações afetivo/sexuais entre homens, Peter Fry (1982), em “*Para Inglês Ver: identidades e políticas na cultura brasileira*”, no capítulo “*Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*”, investiga a construção das categorias sociais que dizem respeito à sexualidade masculina no Brasil. O autor analisa o sistema de classificação das identidades sexuais em periferias de Belém e também descreve “uma nova taxionomia” que, segundo ele, se desenvolveu entre as classes médias das grandes metrópoles na década de 1970. Quatro componentes básicos são usados socialmente para construir essas identidades afetivo-sexuais: o sexo fisiológico, o papel de gênero, o comportamento sexual e a orientação sexual. Neste texto, o autor apresenta dois modelos de relações afetivo-sexuais entre homens: o modelo hierárquico e o modelo simétrico. Utiliza-se do referencial de classe (“classe média”, “classe baixa”) e territorialidade (“periferias” / “grandes metrópoles”) na identificação dos mecanismos sociais identitários da masculinidade brasileira.

Quero ressaltar que, para além dos referenciais (territorial/classe/histórico) enumerados por Fry, há peculiaridades oriundas das experiências vividas pelos sujeitos. No caso desta pesquisa, os modos de vida juvenis em sociabilidades marcadas pelas “misturas”, especialmente no que diz respeito à sexualidade e aos estilos juvenis, levam os jovens a uma dinâmica de classificação identitária que toma os estilos (aqui entendidos também como estética e performances) como um forte elemento de representações para elaboração de categorias identitárias específicas dos contextos juvenis. Digo isso partindo da percepção que, por muitas vezes, entre o(a)s jovens, o estilo é acionado como dispositivo identitário para a classificação da sexualidade.

É possível identificar uma forte associação entre estilo/sexualidade juvenil. Os/As jovens, ao anunciarem e expressarem a sexualidade por meio estilo e vice-versa elaboram códigos, criam representações, associações, mesmo que, em muitos casos, essas se vêem desconstruídas (ou postas em xeque) pela subjetividade e fluidez de suas experiências afetivo-sexuais. O suposto binarismo “*darks/coloridos*”, elaborado no contexto da PP, tenta, mesmo que hipoteticamente, determinar quem é quem nessa “*mistura*”. Quero ressaltar que as categorias não tomam diretamente (ou somente) as práticas sexuais como determinantes, uma vez que, para os jovens, a estética e/ou performances surgem como importantes recursos de identificações sexuais.

O “*boy bafom do skate*”, tão próximo e tão distante das “*bichas pintosas*”, seria para essas inacessível (e vice-versa) naquele contexto de espaço/tempo da praça. Ali, em meio a “*turmas*” e “*grupos*” de misturas, as relações entre garotos heterossexuais e homossexuais estão fadadas a interações esporádicas, essas, por vezes, empreendidas pela necessidade da rejeição (por parte de

garotos heterossexuais) a resquícos considerados homofóbicos e pela tentativa de vivenciar na prática (de sociabilidade da praça) a convivência com a diversidade sexual, propagada pelo discurso politicamente correto exigido pelos tempos em que a homofobia se torna denúncia pública.

Os códigos de masculinidade e de orientação sexual, apesar de sua aparente irrelevância nas interações juvenis, estabelecem fronteiras onde os desejos e a prática afetivo/sexual estão impostos à manutenção dos marcadores hegemônicos heteronormativos. Isso não quer dizer que tais fronteiras não se deparem com sujeitos dispostos a desafiá-las cotidianamente por meio da subjetividade empreendidas nos modos de vida e na sexualidade e das experimentações juvenis, que proporcionam e viabilizam suas expressões nos percursos vividos nessas praças.

No âmbito da sexualidade, e especialmente, da diversidade de orientação sexual, a tão denunciada “distância social” dirigida por LGBT pareceria encontrar, grosso modo, no âmbito das misturas juvenis, alternativas de superação nesses campos de interações em espaços públicos. Assim, põe-se em cheque a viabilidade de uma sociedade fadada a limitar-se à tolerância e à segregação de LGBT aos guetos, eximindo-os do direito à cidade – ou a parte dela - e a seus benefícios públicos. No entanto, evidencia-se, nesse contexto, especialmente entre garotos heterossexuais e homossexuais, um distanciamento afetivo que limita as interações a relações de superficialidade, sem vínculos de amizade, de carinho, de afeto. Tal distanciamento afetivo seria empreendido em prol da manutenção de uma masculinidade heteronormativa intocada, preservada, sem possibilidades de rasuras. É isso que separa o “*boy bafom do skate*” das “*bichas pintosas*”.

Quanto às transgressões, quando os códigos de gênero e sexualidade são rompidos, as fronteiras são atravessadas por afetividades que põem em xeque estas convenções e parâmetros de orientação sexual e estilo. Abre-se um campo de questionamentos e dúvidas sobre a eficácia e fixidez dessas condutas. O namoro de um rapaz que se diz heterossexual com um roqueiro gay é um bom exemplo desse conflito.

Nota 02: O “*fica*” do Roqueiro/Punk Gay com o “*boy Hetero*”.

PP: No caminho da PP Beto e Hirley conversam sobre o garoto que está “ficando” com o Dan. Falam em um tom de espanto sobre a possibilidade de um rapaz que se diz “hétero” namorar – ou “ficar” – com um jovem com o estereótipo do Dan. Isso porque Dan é grande (forte e alto), não é efeminado, e adota o estilo roqueiro/Punk. [...] A questão da orientação sexual parece ficar um pouco confusa para eles em algumas situações, como por exemplo: um garota que namorou com a irmã do Matheus e o trocou por um garoto. “Então, a gente pode dizer que ela é hétero, né?!”, questiona Beto. A mesma questão ficou no ar sobre o garoto que está “ficando” com o Dan e que se diz hétero, mas fala que o único homem com quem “fica” é o Dan. “Não entendo o cara ser hétero e escolher logo o Dan para ficar! Se fosse com um viadinho, ainda vai.” (Beto). Imagino que o que está posto aí é o rompimento dos modelos bicha-bicha / boy-bicha e a possibilidade de uma relação homoafetiva boy/boy. (Diário de Campo, 08 de Janeiro de 2012) (grifos meus).

Antes mesmo do “*fica*” com o “*boy hetero*”, o jovem Dan já me trazia questões pertinentes para a discussão sobre modos de vida e sexualidade juvenil. Isso porque, para mim, por manter-se na interseção entre “*ser roqueiro*” e “*ser gay*”, ele rompia com a suposta polaridade entre tais identidades (ou identificações), instituída de maneira explícita e/ou implícita na sociabilidade das praças. Dan surgia na praça como uma das poucas exceções. Essa mistura de estilo/orientação sexual ficou bastante perceptível no primeiro dia que o encontrei transitando pela praça junto a um grupo de “*bichas pintosas*”.

A priori, o que me saltou aos olhos foi a radical diferença de estilo entre o jovem e os demais da turma na qual interagia. Além da estética que se diferenciava pelo estilo roqueiro/Punk, o jovem que anunciava – por meio do comportamento e dos traços - traços de uma masculinidade heteronormativa transitava na praça junto a uma turma de *gays* que se mostrava pela exposição de uma homossexualidade afetada - por “*pintas*” e traços efeminados etc. Em entrevistas com os jovens, Dan foi citado algumas vezes como exemplo de uma exceção na qual um jovem roqueiro/punk é gay. “*A maioria dos punks são heteros. Muito pouco que você vai encontrar que é gay ou lésbica. Eu conheço um que se diz punk, o Dan, só ele*” (Hirley, 19 anos).

Quatro meses após o primeiro encontro com Dan, o seu “*fica*” com o garoto que se afirma “*hetero*” foi motivo de vários questionamentos entre seus amigos Hirley (19 anos) e Beto (18 anos). O que está em jogo, para além da relação identidade/orientação sexual (ou identidade/prática sexual), é a possibilidade de uma relação afetivo/sexual no modelo boy/boy, independente da homossexualidade de Dan e da heterossexualidade do seu “*ficante*”, o que configuraria em um modelo gay/boy. Tal modelo é descartado em virtude de Dan manter-se nos padrões de um estereótipo de masculinidade heteronormativa, empreendido tanto pelo visual de roqueiro/punk quanto pelo comportamento do jovem que se distancia das demais categorias - “*bicha pintosa*”, “*bicha*”, “*viadinho*”, “*boyzinho*”, “*colorido*”, “*bicha estilosa*”, “*gayzinho sem estilo*” etc.

Essas categorias (“*bicha pintosa*”, “*bicha*”, “*viadinho*”, “*boyzinho*”, “*colorido*”, “*bicha estilosa*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*boy*”, “*boy bafom*”) não fazem referência exclusivamente à orientação sexual, mas anunciam modos subjetivos de expressões de sexualidades juvenis. Anunciam um mostrar-se por meio de uma estética que se materializa no corpo, na imagem e nas performances (indumentária, gestos, gostos etc.), mas trazem referenciais culturais dos dispositivos da sexualidade que estão intrinsecamente atrelados aos padrões hegemônicos.

Imagino que o modelo macho/fêmea, homem/mulher e a associação masculinidade/feminilidade surja no imaginário dos jovens como campo de impossibilidade de tal relação, pois perpassam aos papéis na prática sexual que seriam respectivamente ativo/passivo. Segundo Peter Fry (1982, p. 90):

[...] embora a “*bicha*” seja, de certa maneira, um “*homem desviante*”, as relações sexuais verdadeiramente desviantes de acordo com esse sistema de classificação são as que ocorrem entre pessoas que desempenham o mesmo papel de gênero, isto é, entre uma “*bicha*” e outra, ou entre um “*homem*” e outro. Essas relações são consideradas desviantes porque quebram a regra fundamental do sistema que exige que as relações sexuais-afetivas “*corretas*” sejam entre diferentes papéis de gênero ordenados hierarquicamente.

O autor refere-se aqui ao sistema de classificação baseado no modelo hierárquico - homem/bicha - no qual os papéis de gênero se relacionam hierarquicamente: masculino/feminino. Dan não se enquadraria no perfil do passivo, da feminilidade, tampouco o “*boy hetero*”. Por outro lado, o jovem que se afirma “*hétero*” haveria de escolher relacionar-se sexualmente, no mínimo, com um “*viadinho*”, como afirma Beto, o que lhe garantiria a posição da masculinidade do ativo, de acordo com o modelo hierárquico observado por Peter Fry (1982). Por que isso não se configuraria em sua relação sexual com Dan? Vale lembrar que em momento algum a legitimidade da heterossexualidade do “*boy*” foi questionada, mas sim a escolha do parceiro: o jovem Dan. Talvez porque o que está em jogo não seja a orientação sexual, mas manutenção do binarismo masculino/feminino, ativo/passivo. Aqui, a heterossexualidade se deslocaria da dimensão biológica da relação de gênero homem/mulher adotando como referenciais os marcadores culturais de feminilidade/masculinidade.

Nas relações entre garotos, os modelos afetivo/sexuais boy/bicha, boyzinho/bicha não romperiam com os papéis binários de masculinidade/feminilidade (ativo/passivo). No entanto, o modelo de relações afetivo/sexuais entre pessoas do mesmo sexo mais empreendido nas praças seria o bicha/bicha, no qual a masculinidade não seria contestada, mas negociada na esteira dos desejos e prazeres, mesmo porque a “*bicha*” aproximar-se-ia mais da feminilidade, o que já implica na negação do masculino. Não haveria aí um comprometimento com a prática “ativa” no ato sexual. Restrinjo-me aqui exclusivamente às relações afetivo/sexuais entre garotos, por compreender que as práticas e afetividades sexuais assumem outras dimensões quando tratamos das garotas, onde as questões de gênero se voltam aos imaginários femininos.

### 3.2 Feminilidades e identificações afetivo/sexuais de garotas

“*Aqui tem mais é roqueira. Tem muita roqueira! Tem bissexual! Tem periguete também.*” (Camila, 14 anos), explicava a jovem ao ser indagada sobre as garotas que frequentam as praças. Considero necessário lembrar que os termos ou categorias apresentados são tomados pelos jovens a partir dos significados que atribuem às suas vivências e experimentações afetivo/sexuais nas praças. Tal observação decorre da perceptível incompreensão – pelos jovens – de categorias sexuais e políticas comumente utilizadas nos movimentos sociais e nos espaços acadêmicos. Quando questionados sobre quem eram os frequentadores das praças, os termos relacionados a estilos e à sexualidade (ou orientação sexual) são colocados no mesmo campo de identificação, dependendo do contexto e das circunstâncias, uma garota poderia ser identificada, simultaneamente, como “*roqueira*”, “*bissexual*” ou “*periguete*”, sem que um termo inviabilizasse a identificação com os outros. Se no âmbito dos discursos juvenis eles surgem como identificações segregadas, no campo das interações a identificação do “quem é o que” fica a mercê dos contextos e das circunstâncias relacionais.

Não foi por acaso que Camila (14 anos) mencionou apenas a bissexualidade (como categoria de identidade sexual) entre as demais categorias de identidade atribuídas às frequentadoras das praças. A garota bissexual, ou simplesmente “*bi*” assume um lugar hierarquicamente privilegiado. O lugar do trânsito livre, das múltiplas possibilidades de relações, ocorrendo o inverso com os garotos<sup>3</sup>.

As notas que seguem versam sobre a flexibilidade dos percursos afetivo/sexuais das garotas que têm da “*hetero*” à “*sapatona*” uma diversidade de possibilidades de identificações. Sobre os percursos afetivo/sexuais, o caminho de “*hetero*” à “*sapatona*” surge como o mais evidente.

É tipo assim ó... Quando a pessoa vem pra cá a primeira vez, ela vem com aquela coisa na cabeça que é hetero. Por exemplo, uma mulher, vem pra cá com aquele negócio na cabeça de ficar com um homem. Comigo foi assim. Eu, quando vim a primeira vez, eu vim com meu namorado e tudo. Só que a gente terminou e as amigas dele pediram pra ficar comigo e existem tentações. Tentações que você não aguenta e acaba ficando e quando você fica vindo aqui, voltando, voltando, voltando, você vai descobrindo que você não é (pausa) os seus amigos mesmo percebem (pausa). “*Áh... ela chegou aqui, ela era hetero cara!!! Olha agora, tá ficando bi!*” e de bi, acaba passando pra sapatona!!!”. Entendeu? (GF. Monalisa, 16 anos).

<sup>3</sup> Segundo Facchini (2009, p. 320), em relação às mulheres, “a categoria bi remete a poderes que poderiam ser descritos em termos de capacidades e imunidades: capacidade de sedução, de flexibilidade e de obter gratificação sexual ilimitada, e imunidade em relação às possibilidades de aproximar-se e de passar por experiências de discriminação e violência”.

O percurso de “hetero” à “sapatona” é o que toma maior destaque quando tratamos da orientação sexual feminina. Nele, entre os dois supostos extremos, uma diversidade de identidades é acionada dando sentido a uma gama de modos de expressão das sexualidades femininas juvenis. Algumas categorias são apontadas como estilo, sendo que estes estilos acionam – material e simbolicamente – marcadores determinantes de modos de vida, estética e sexualidade. Entre elas destaque: a “hetero”, “mulherão” ou “menininha”, a “Bi”, a “Lésbica”, a “Sapatona”, a “Perigete”, a “Roqueira” e a “Pirangureira”.

As definições de categorias de identificações como “pirangureira” e “roqueira” são empreendidas a partir de referências de estilo e modos de vida, sem muitas conotações com a orientação sexual, enquanto a “perigete”, toma a orientação sexual e o estilo como elemento determinante, pois está mais próxima do imaginário de mulheres heterossexuais que estão em busca de homens - à caça - e para isso investem em um visual que prima pelo apelo erótico, pela sensualidade provocadora do desejo masculino. As demais categorias - “hetero”, “mulherão” ou “menininha”, “Bi”, “Lésbica” e a “Sapatona” - tomam como campo determinante a orientação sexual por meio da estética e performance corporal.

De acordo com a classificação que tem na orientação sexual a referência determinante, o caminho parece, nos discursos dos jovens, acionarem o mesmo formato, a mesma sequência, uma mesma direção: hetero/bi/lésbica/sapatona.

Quando tratamos de forma genérica, poucas vezes, essa lógica toma um caminho inverso. Parte-se do imaginário de que todas chegam às praças “hetero” e somente lá descobrem, ou “viram” “bi”, “lésbicas” ou “sapatonas”. Tal percepção, talvez decorra do fato de serem as praças, para muitas garotas, o espaço da primeira experiência, ou da experimentação, ou mesmo, da oportunidade de cogitar uma relação afetivo/sexual com outra mulher. No entanto, quando, em conversa nos grupos de discussão, tratamos das experimentações individuais, uma diversidade de possibilidades foram revelando trajetórias experienciais tomados de pontos de partidas e chegadas diversificados.

Essas categorias não estão estanques nem isoladas. Elas trazem marcadores de gênero, de sexualidades, de modos de vida e de classe social. Por vezes, se sobrepõem. Apesar das associações entre estética e performances corporal com orientações sexuais, tendo como referências os marcadores de gênero, a convivência com os entrecruzamentos entre múltiplas possibilidades de expressões de gênero e orientação sexual, vai aos poucos, desconstruindo os estereótipos hegemônicos da lésbica associada à garota masculinizada e da “hetero” à fragilidade atribuída ao feminino.

Tem gente que se veste normalmente e nem a gente tem preconceito. E ela mostra um sexo diferente. Por exemplo: uma menina tá vestindo uma saia. Uma blusa totalmente decotada, uma sandália normalzinha, só que quando a gente vai ver, ela não gosta daquilo que é normal. Ela gosta de mulher. E já tem coisas diferentes, tipo mulher que calça sapato normal, aquelas calças bem frouxas, aquelas blusas bem chamativas e que já gostam de homens! Então a gente não sabe o sexo normal das pessoas. A gente conversando, a gente fazendo amizade, a gente vai descobrir aquilo. Então isso é que é interessante aqui no Dragão do Mar. É o que eu acho. A lógica daqui é assim (GF: Monalisa, 16 anos).

Ao afirmar que os estereótipos já não são referenciais determinantes para a identificação da orientação sexual, Monalisa (16 anos) dá indícios que tanto eles ainda persistem no imaginário juvenil como marcadores de sexualidades, como já são postos em cheque sua legitimidade. Acredito que a constatação de Monalisa (16 anos) sobre a imprecisão da orientação sexual juvenil com base na estética e na performatividade corporal seja fruto da convivência com a diversidade de expressões de gênero e



sexuais. Os pontos de interseções entre estilo e sexualidades, especialmente aqueles que se contradizem com a norma associativa dessas dimensões, talvez contribuam significativamente para colocar as “verdades” instituídas sobre gênero e sexualidade, no lugar da suspeita. É a vida que vai se mostrando mais complexa do que o mundo que, quando criança, dividia-se em rosa e azul, em carrinho e boneca. Monalisa (16 anos) vai percebendo que entre a “hetero” e a “sapatona” há inúmeras possibilidades de expressar-se como “feminino”, e que, mesmo nas suas supostas extremidades de gênero e orientação sexual, ambas mobilizam uma multiplicidades de códigos e saberes tão fluidos quanto subjetivos.

#### 4. Algumas Considerações

Na praça percebe-se existência de uma visível assimetria de gênero quando se trata de experiências juvenis. Os jovens vivenciam processos mais intensos (rígidos) de demarcação de gênero e identificações sexuais que as jovens. Por meio de códigos e signos juvenis, uma variedade de categorias êmicas dá sentidos às suas experiências, atribuindo significados aos saberes, elaborados na dinâmica do vivido.

A polaridade homossexualidade/heterossexualidade, assim como as categorias instituídas para a diversidade de orientações sexuais - LGBT - não comportam as peculiaridades da diversidade de sentidos (materiais e simbólicas) experienciados na sociabilidade juvenil. Isso não significa um abandono extremo dessas categorias identitárias de orientações sexuais, mas uma resignificação de códigos e signos marcadores de gênero e sexualidades capazes de elaborar categorias sexuais tão fluidas e instáveis quanto as experimentações juvenis. Filtram-se assim diferenças e semelhanças sexuais e as dimensões do desejo e da estética se fazem lócus desse processo de produções de categorias êmicas.

A estética corporal não seria fixa, mas fluida, observada pelo deslocamento estético que os dá sentido, ou seja, pelo trânsito juvenil por estilos e práticas afetivo/sexual. Entre os jovens, o modelo de relações afetivo/sexuais entre pessoas do mesmo sexo mais empreendido nas praças seria o bicha/bicha, no qual a masculinidade e a feminilidade não seriam contestadas, mas negociadas na esteira dos desejos e prazeres, mesmo porque a “bicha” aproximar-se-ia mais da feminilidade. Portanto, não haveria aí um comprometimento com a prática “ativa” no ato sexual.

As notas etnográficas versam sobre o mesmo elemento de análise: a masculinidade heteronormativa, ou melhor, aos empreendimentos em mantê-la intocada. São seus marcadores simbólicos que determinam o momento da transição de uma categoria para outra e é em nome dela que se faz a impossibilidade da relação afetivo/sexual boy/boy. No caso das jovens, a bissexualidade aparece como lugar (a orientação) privilegiado, estando essas em um campo mais flexível de prática sexuais.

As sociabilidades vividas nas praças se mostram como experiências de descobertas, sem aprisionamentos ao instituído no campo das normalidades determinantes das sexualidades, mas mantendo com essas, uma intrínseca relação. Em meio a uma suposta superação dos marcadores de gênero e orientação sexual, onde sua diversidade se faz visível e “naturalizada”, o imperativo binário – masculino/feminino se mantém sobre novas facetas, novos determinantes simbólicos, que rompem com o biológico e legitimam marcadores culturais afirmadores de múltiplos desejos e possibilidades para além da heteronormatividade.

#### Bibliografia

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FACCHINI, Regina. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a sexualidade**. Tradução de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver**: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

\_\_\_\_\_. **Lufa-Lufa Cotidiana**: Ensaios sobre a cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2010.